

Nosso repórter testemunha a dor num campo de refugiados de Kosovo

A MODERNA REVISTA SEMANAL DE INFORMAÇÃO

ÉPOCA

Ano I Nº 47 12 de abril de 1999 R\$ 3,50

ADEUS, CARTAS
O país já
troca mais de
4,5 milhões
de e-mails
por dia



Pressa de amar

ADOLESCENTES FAZEM SEXO CADA VEZ MAIS CEDO

- ◆ 30% das meninas entre 15 e 19 anos têm vida sexual ativa
- ◆ Gravidez e Aids: só um em cada cinco rapazes usa camisinha
- ◆ Pais inseguros e jovens confusos

OTIMISMO
Ainda não foi desta vez
que o Brasil parou
ECONOMIA REAGE





O COTIDIANO DOS SOLDADOS
é estudado com a ajuda de peças de cerâmica, jogos e utensílios encontrados



FRAGMENTOS DE CACHIMBOS
feitos de argila revelam os costumes dos invasores



MOEDAS HOLANDESAS
descobertas nos fortes: sinais da ação dos inimigos no século 17



ARQUEOLOGIA

Vestígios de glória

Pesquisadores escavam fortes e campos de batalha para reconstituir a história da ocupação holandesa em Pernambuco

Um grande tesouro arqueológico, inexplorado e ameaçado pela ocupação urbana, jaz ao longo do Córrego da Batalha, no município pernambucano de Jaboatão. Palco dos heróicos combates travados contra invasores holandeses no século 17, as colinas preservadas por lei como patrimônio nacional estão sendo estudadas por pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Por meio de escavações nos arredores da capital, eles pretendem reconstituir a história das lutas ocorridas há 350 anos. Os estudiosos vêm escavando desde a década de 70, quando foi encontrado um cemitério com 128 esqueletos de soldados luso-brasileiros mortos na Batalha dos Guararapes – entre 1648 e 1649, o Exército do Brasil Colônia im-

MATERIAIS
recolhidos em áreas de combate são limpos e identificados no laboratório



CANTEIRO DE ESTUDOS no Forte do Brum, na região portuária de Recife



pingiu duas derrotas aos europeus. Foram identificados três tipos de sepultamento, balas, pólvora e até restos de fardas militares. Nos bolsos, os homens carregavam terços feitos com ossos para pedir proteção à Virgem Maria.

Agora, os cientistas precisam agir mais rapidamente. A área do Córrego da Batalha está sendo ocupada por favelas, onde vivem cerca de 6.500 pessoas. Sem saneamento e com lixo espalhado por toda parte, o Parque Histórico Nacional dos Guararapes, cortado pelo córrego, há muito deixou de atrair turistas. Os moradores transformaram em campos de futebol as pistas asfaltadas de acesso às colinas. No alto delas está a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, construída em 1656 em ação de graças pela vitória contra os invasores.

Parte da história permanece enterrada nas imediações, supõem vários estudiosos. "Precisamos reiniciar uma escavação em larga escala, porque ali certamente existem outros cemitérios não identificados, inclusive o dos holandeses", afirma o chefe da equipe da UFPE, Marcos Albuquerque. O trabalho científico trará contribuições ao projeto de revitalização do parque histórico. A área, tombada pelo governo federal em 1961, passou a ser administrada pelo Exército há três anos. Para evitar novas invasões, os militares ergueram uma cerca de 10 quilômetros ao redor do núcleo central do parque, com o apoio técnico dos pesquisadores. Eles recorreram ao eletromagnetismo para identificar eventuais sítios arqueológicos que pudessem ser danificados durante a construção da barreira. Mas os moradores já abriram

várias passagens na murada e continuam erguendo novas residências. Uma lei municipal de 1997 permite que os habitantes ocupem o parque mesmo sem os documentos de posse. No momento, o Exército negocia com a prefeitura a transferência dos moradores para outro local.

Enquanto o impasse não se resolve, arqueólogos vasculham o subsolo dos fortes nos quais luso-brasileiros e holandeses lutaram por 30 anos. Durante o conflito, foram erguidos em terras pernambucanas 71 redutos militares, fortificações e trincheiras. No Forte Orange, construído pelos engenheiros holandeses na Ilha de Itamaracá, os pesquisadores encontraram 13 esqueletos de soldados, condecorações e peças de artilharia com sinais da crise de metais que atingia a Europa. "Até pregos retorcidos e ferros de marcar animais eram usados como munição", conta Albuquerque.

Para reconstituir mais um capítulo da guerra na qual morreram milhares de soldados de ambos os lados, encerrada com a rendição dos holandeses em 1654, a equipe da UFPE está escavando o Forte do Brum, na região portuária de Recife. Construída pelos invasores com madeira, barro e areia, a fortificação foi totalmente remodelada pelos portugueses após a expulsão dos invasores. "Descobrimos materiais que mostram o cotidiano dos soldados, como cerca de 2 mil cachimbos de argila holandeses", conta Albuquerque. Foram encontrados também jogos usados nos horários de lazer, louças e restos alimentares que comprovam a preferência dos combatentes por frutos do mar. Os arqueólo-

gos acharam o piso de tijolos que sustentou a primeira artilharia holandesa e agora raspam as paredes para reconstituir a arquitetura original.

Aos poucos, o quebra-cabeça histórico vai sendo montado. O passo seguinte será a ampla escavação dos Montes Guararapes, cenário da batalha final contra os holandeses. Os pesquisadores pretendem fazer 5 mil buracos de 4 metros quadrados em todo o parque. "Não podemos apagar da memória essa importante etapa da história", ressalta o arqueólogo. Ele parece ter razão. Albuquerque diz ter sido nessa época a primeira vez que os brasileiros usaram a palavra "pátria" para referir-se ao território nacional. ■

SÉRGIO ADEODATO

O ARQUEÓLOGO
Albuquerque pretende ampliar as escavações no Parque Nacional dos Guararapes

